

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Crítica profética
de sistemas
sociais na
perspectiva
franciscana**



**Lição 21 A
O Capitalismo**

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Crítica profética
de sistemas
sociais na
perspectiva
franciscana**



**Lição 21 A
O Capitalismo**

Petrópolis 2002

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU



Texto das Fontes

Ou Deus ou o dinheiro

I. Introdução

II. Visão de Conjunto

III. Informação

1. - A essência do Capitalismo
 - 1.1. O poder do dinheiro
 - 1.2. A revolução técnico-científica e seus efeitos no mundo do trabalho
 - 1.3. O pensamento capitalista: o Neoliberalismo
 - 1.4. Conseqüências desastrosas
 - 1.5. Novas formas de organização política e econômica
 - 1.6. Crise da civilização

2. - Crítica do Capitalismo
 - 2.1. Crítica interna
 - * Capitalismo como ideologia
 - * Liberdade e Neoliberalismo
 - 2.2. Crítica fundamental
 - 2.3. Crítica sócio-ética da Igreja
 - 2.4. Crítica teológica
 - 2.5. Crítica profética

IV. Legendas das Ilustrações





u Deus ou o dinheiro

Parece que, no tempo de Francisco, o dinheiro chegava a ser valorizado como uma verdadeira superpotência, suplantando Deus na vida de muita gente. Optar por Deus ou pelo dinheiro, - esta era a questão! Por sua vez, Francisco escolheu Deus definitivamente, rejeitando o dinheiro de modo radical e absoluto.



Numa certa ocasião, um visitante da capelinha da Porciúncula deixou algum dinheiro em cima do altar. Quando um irmão viu o dinheiro deposto num lugar tão sagrado, o pegou e colocou no peitoral da janela. Um outro irmão, chegando depois, retirou o dinheiro de lá e o entregou a Francisco.

Francisco ficou quase fora de si de indignação. Perguntou quem tinha depositado o dinheiro no peitoral. Ao irmão, que se apresentava, perguntou: *“Porque fizeste isso? Não sabias que proibi, não somente usar dinheiro, mas até tocá-lo?”* Imediatamente o irmão se ajoelhou, inclinou a cabeça, confessou sua culpa e pediu um castigo bem severo.

Como penitência, Francisco impôs-lhe a obrigação de pegar o dinheiro com a boca e colocá-lo fora, jogando-o em seguida na esterqueira, para sentir com todos os seus sentidos: *“esterco é esterco”!*

(Segundo AnPer 30)





Processos de transformação

Através de sua história, a humanidade continuamente atravessou profundos processos de mudança e transformação. Hoje em dia, porém, assistimos a uma fase em que as mudanças se alternam de modo cada vez mais rápido e imprevisível. No nosso mundo, não existe nenhum recanto que não seja atingido por tais mutações, assim como não há, tampouco, um contexto social que ficasse ileso ou imune.

Procura-se definir esta nova situação por meio das mais variadas interpretações. Aqueles, p.ex., que notam como ultimamente os ditames da razão, da ciência e da tecnologia são tratados com ceticismo falam da “*pós-modernidade*” (cf. Lição 14). Outros que, ao contrário, observam a evolução moderna da informática e da comunicação a ponto de incluir o mundo inteiro numa rede interligada falam da “*aldeia global*”. Quem frisa o ponto de vista econômico cita o “*mercado comum*” etc. Sobretudo, fala-se de “*globalização*”, querendo dizer com isto que uma certa forma de atuação econômica chegou a impor-se ao mundo inteiro, a saber, o assim-chamado Capitalismo que, conforme alguns dizem, não deve ser diluído ou freado por qualquer influência controladora. Na América Latina, essa nova forma do Capitalismo é chamada “*Neoliberalismo*”; em outras partes do mundo, fala-se de “*Economia livre do Mercado*” ou de “*Capitalismo de Manchester*”.

Na presente lição, vamos procurar desmascarar o Capitalismo, o Neoliberalismo e a Economia livre do Mercado como ideologias. O Deus da Bíblia, a quem Francisco e Clara seguiam e serviam, é o Deus da vida. Sempre se encontra do lado daqueles cuja vida está ameaçada. Não é possível viver a fé neste Deus a não ser ao lado dos pobres, solidário com eles e todos os outros excluídos.



Somente após o colapso do sistema socialista, o Capitalismo conseguiu propagar-se sem restrições.



Hoje, ninguém duvida que o Comunismo, por sua vez, também oprimia a humanidade e explorava a natureza, destruindo-a. Mas, pela sua mera existência, o Comunismo impedia que o Capitalismo demonstrasse sua plena desumanidade. O Marxismo, ao ser adotado e parcialmente viciado ou falsificado por Lenin e Stalin, exercia uma crítica fundamental ao sistema capitalista. Durante muito tempo, os pobres e as classes de baixa renda viam no Comunismo a única alternativa ao Capitalismo. Portanto, o desmoronamento do Comunismo parecia a muitos, no assim-chamado Terceiro Mundo, o fim da esperança de um mundo socialmente mais igualitário.

Se queremos estar com Francisco e Clara do lado dos pobres e marginalizados, devemos conhecer a obra de Karl Marx e ter uma noção das suas teorias. O que há de errado nelas? Porque foi inevitável que o Comunismo fracassasse? O que continha de certo e válido? Será que o Marxismo realmente chegou ao seu fim?

Uma série de perguntas se impõe. Devido à importância destes temas, a Lição 21 será dividida em duas partes, versando a 1ª parte sobre o Capitalismo, e a 2ª parte sobre o Marxismo. Chamamos atenção para a resposta franciscana a estes dois sistemas, assim como aos correspondentes exercícios e aplicações, que se encontram na 2ª parte da lição.



perguntas do nosso tempo

A presente lição, ao tratar de economia e política, ocupa-se de temas modernos extremamente difíceis, focalizando dois sistemas econômicos diametralmente opostos. Devemos, porém, familiarizar-nos também com a resposta franciscana a ambos. Começaremos dando algumas definições das diversas modalidades de ordem econômica hoje encontradas.

Numa primeira parte, focalizamos o Capitalismo que, na atualidade, conseguiu impor-se ao mundo inteiro (= globalização). Vamos observar o poder do dinheiro que influencia todas as esferas da vida, inclusive a ciência e a tecnologia que são colocados a serviço do dinheiro. Neste contexto, é preciso mencionar como, ao racionalizar o processo do trabalho, os lugares de trabalho atrofiam e são enxugados. Igualmente, importa mencionar o pensamento filosófico que fundamenta o Capitalismo, as conseqüências desastrosas que não faltam, as formas políticas e econômicas operacionais que surgem a partir da globalização do mercado; em uma palavra, a crise da civilização que envolve o mundo inteiro.

Depois desta descrição global, vamos analisar o Capitalismo criticamente, tomando conhecimento, em primeiro lugar, da autocrítica dos próprios capitalistas para, em seguida, formular uma crítica fundamental, sócio-ética, teológica e profética, deixando margem para que as preocupações franciscanas possam expressar-se também.

A segunda parte principal (parte 2), falará então do Marxismo, que se colocou frente a frente ao Capitalismo desde meados do século XIX. Depois de um curto resumo biográfico de Karl Marx, vamos descrever as diferentes formas do Marxismo: a teoria do "jovem" Marx e a do Marx "maduro", o Marxismo-Leninismo, o Marxismo ocidental, maneiras de pensar influenciados pelo Marxismo, apesar de independentes e, finalmente, a específica forma do Marxismo encontrada na América Latina.



Perguntamos quais são os fatores comuns a todas estas formas de Marxismo. Aqui ocorre também a necessidade de uma crítica que analisa o humanismo marxista, a teoria social e os métodos marxistas, respectivamente, a ideologia marxista, o Estado marxista, a herança bíblica e a crítica falsa ao Marxismo. Também nesta parte é preciso inserir os aspectos franciscanos a este respeito.

Finalmente, queremos tirar conclusões para a missão da Família franciscana hoje, partindo da observação como Francisco e Clara enxergaram o poder e o dinheiro; e como ambos uniram liberdade e justiça. Desta contemplação há de surgir uma nova cultura.





Questões econômicas

A presente lição trata, sobretudo, de questões econômicas. Na sua origem, a palavra “*economia*” significava governar, administrar, fornecer o necessário à vida. A palavra “*economia*” é de origem grega e poderia ser traduzida como “*ordem da casa*”. Trata-se de um conceito que abrange todos os aspectos necessários a uma boa administração de casa: o fornecimento dos materiais, mercadorias e objetos vitalmente necessários e a sua administração competente e eficaz. Há muito tempo, o conceito da “*casa familiar*” alargou-se, chegando a abranger a comunidade, o estado, a comunidade das nações e mesmo o mundo inteiro. Da atenção dada às regras de uma boa administração, nasceu a ciência econômica, que marca de maneira totalizante, tanto a vida do indivíduo como a vida comunitária. Em todo caso, a “*ordem*”, respectivamente a ordem econômica que os diversos estados ou comunidades de nações adotam, é uma questão da vontade política. Em consequência, é possível distinguir as seguintes modalidades:

- Na “**Planificação econômica**” é o Estado quem planeja, dirige e controla todos os processos econômicos. Esta era a ordem adotada e seguida pelos Estados comunistas.
- “**Economia do mercado**”: Aqui o fator determinante é a concorrência entre os bens e as operações, assim como entre oferta e demanda. Atualmente, este tipo de ordem é universalmente admitido.
- “**Economia social do mercado**”: A concorrência entre bens e operações é regulada pelo Estado para impedir ou nivelar injustiças flagrantes do mercado. Costuma acrescentar-se a palavra “**ecológica**”. Com isto se entende a competência do Estado de intervir no sentido de salvaguardar a natureza e a integridade da criação.
- “**Economia livre do mercado**”: Trata-se deste tipo de economia, quando se postula que a concorrência entre bens e operações não deve obedecer a regras ou leis impostas pelo Estado. Quando esta convicção é alicerçada filosoficamente, fala-se na América Latina de “**Neoliberalismo**”, porque fundamentado na idéia de uma liberdade absoluta do indivíduo. Na



Europa, distingue-se ainda o **“Liberalismo de Manchester”**. Esse conceito é derivado do nome da cidade inglesa onde, no início do século XIX, *“o jogo livre das forças econômicas exigia que não houvesse, como princípio fundamental, nenhuma intervenção por parte do Estado, nem no que toca à economia exterior (= doutrina do comércio livre), nem ao comércio interno.”*¹ Fala-se também de **“Neodarwinismo”**, quando a *“lei do mais forte”* que, segundo a opinião de Charles Darwin (+ 1882) dirige a evolução, é aplicada ao comportamento econômico.

* **“Capitalismo”**: Todas as ordens econômicas mencionadas até agora podem ser resumidas sob a sigla **“Capitalismo”**. Assim se sublinha a importância atribuída ao capital em todos os setores, sobretudo sob a forma de dinheiro. A *“planificação econômica”*, por natureza oposta ao Capitalismo, também era essencialmente uma espécie de capitalismo. A diferença consistia no fato de que os proprietários do capital eram ou o Estado ou os poderes dirigentes, respectivamente, que conseguiram enriquecer-se de maneira irrestrita e incontrolada (= *marajás*). Em conexão com a *“economia social do mercado”*, fala-se ainda de um *“capitalismo freado”*; mas quando, pelo contrário, se trata do *“capitalismo de Manchester”*, então o capitalismo é *“desenfreado”*.

¹ Citação da Enciclopédia de Meyer



O Capitalismo

A.

essência do Capitalismo

1.

No ano de 1990, o Comunismo e o sistema socialista coligado com ele (= planejamento econômico) fracassaram na Europa Oriental. O antagonismo cheio de tensões entre as duas superpotências (= EUA e União Soviética), com seus modelos sociais e econômicos opostos, se dissolveu. A partir deste acontecimento, o Capitalismo desenfreado conseguiu propagar-se mundo afora. Por isso, fala-se atualmente da globalização do Capitalismo.

O poder do dinheiro

1.1.

Uma certa convicção fundamenta o Capitalismo que, no fundo, não é outra coisa do que a inversão da tarefa original que a economia teria que assumir. Em si, a economia tem a tarefa de satisfazer às necessidades elementares da humanidade, assegurando-lhe o bem-estar e os serviços essenciais de assistência social. No Capitalismo, pelo contrario, trata-se simplesmente da acumulação de dinheiro.

Nas últimas décadas, aconteceu no mundo inteiro uma gigantesca redistribuição da riqueza. O dinheiro acumulou-se de maneira imprevisível nas mãos de alguns poucos. Por exemplo, em 1996, a riqueza dos 358 bilionários (= indivíduos!) mais ricos ultrapassou o total da renda dos países pobres. Até num país rico, como a Alemanha, existem, entre 80 milhões de habitantes, 7,5 milhões de pobres, e entre estes, 900.000 sem-teto.

Até que ponto a acumulação de dinheiro pode chegar a perder qualquer sentido demonstra-se, sobretudo, no setor do esporte. Um exemplo: Conforme seu contrato de trabalho, o jogador americano de basquetebol, Shaquille O'Neil, ganhou em apenas sete anos 127 milhões de dólares, sem contar o que recebe de seus patrocinadores de propaganda. O presidente Bill Clinton, que certamente não passa necessidade, teria que ficar presidente dos EUA durante 600 anos para ganhar a mesma quantidade de dinheiro que S. O'Neil ganhou em apenas sete anos. Um americano que recebe o salário mínimo oficial, no valor de US\$ 5,15, teria que trabalhar durante 10.735 anos para ganhar o mesmo que S.O'Neil ganhou em sete anos. O'Neil ganha 4.500 dólares por minuto e 350.000 dólares por semana (cf. *Tages-Anzeiger*, Zurique, 28.10.1996, p.29).

Aquilo que este único exemplo já demonstra como uma aberração irracional faz parte da essência do Capitalismo. Os maiores incitadores do Capitalismo são as empresas multinacionais, os mega-bancos e institutos de crédito, como p.ex., o FMI e o Banco



Mundial. Originalmente, estas duas últimas instituições foram fundadas para possibilitar aos povos carentes o acesso a uma parte da riqueza dos países ricos. No decorrer do tempo, porém, justamente o oposto aconteceu: viraram instrumentos de exploração. Pelos créditos concedidos aos países pobres do Terceiro Mundo, estes últimos tinham que pagar tantos juros que a soma dos reembolsos ultrapassou de maneira exorbitante o valor dos créditos concedidos. Como condição prévia para ter direito a receber créditos, os países pobres têm que aceitar o programa econômico neoliberal, a saber, a privatização de suas empresas estatais e a abertura total dos seus mercados. Os mesmos países têm que se adaptar aos movimentos do dinheiro internacional. Em consequência, trata-se de uma adaptação da economia nacional às condições gerais estabelecidas pelo mercado internacional. Desta maneira, a economia escapa cada vez mais das intervenções reguladoras do Estado. Em 1995, James Wolfensohn foi eleito o novo presidente do Banco Mundial. Não se sabe ainda se a atuação dele trará alguma mudança. Pelo menos, declarou que está sonhando com um novo pacto internacional de solidariedade.

Em 1996, durante um simpósio na Áustria, Kenneth Kaunda, o antigo presidente da Zâmbia, criticou de modo violento a política financeira do Banco Mundial e das nações industrializadas. Falou da crise das dívidas como de uma tragédia humana. *“Não se trata apenas de um negócio econômico ou de uma mera questão técnica. Trata-se de uma tragédia humana; e é preciso que essa situação humana chegue à tona. Seres humanos estão morrendo; crianças estão morrendo. Há guerras civis. Em todos os países da África ao sul do Sahara, as estruturas sociais e políticas estão se deteriorizando. Muito daquilo que acontece, seguramente nem tudo, mas muito pode ser atribuído à crise das dívidas.*

Endividar-se é uma escravidão, a mais dura forma de escravidão até. Já no Antigo Testamento, esse tipo de escravidão foi proibido. No livro do Deuteronômio está escrito: ‘Quando teu irmão é pobre, tu deves emprestar-lhe sem exigir juros. Como penhor da dívida, tu não deves exigir seu manto nem outras coisas que ele necessita para sobreviver.’ Tampouco, ninguém devia tomar um moinho ou uma pedra de mó como penhor, porque deste modo iria tomar uma vida como penhor. Um mo-



leiro precisa da mó para sobreviver. Hoje em dia, a África precisa de seus recursos para sobreviver.

Os credores estão tomando a vida dos africanos como penhor. Na Áustria, a escravidão foi abolida em 1783. Hoje, apelamos ao povo da Áustria, pedindo que se junte a nós na luta contra a escravidão moderna. Esta luta está sendo travada em Londres, Washington e Frankfurt, mas também em Viena. É a África que se encontra no foco desta luta."

Kaunda terminou acrescentando: *"Pessoas simples ficam indignadas ao saber que, entre 1990 e 1993, 57% dos empréstimos bilaterais, assim como subvenções concedidas a países africanos que não se precisavam devolver, nem chegaram até o continente africano, mas retornaram diretamente aos cofres dos ricos credores. Pessoas simples ficam espantadas quando escutam que a África, tão pobre, é rica bastante para dar dinheiro ao FMI. Conforme um relatório do British Debt Crisis Network, países africanos pagaram cerca de 350 milhões de dólares a mais ao FMI, do que tinham recebido dele em forma de empréstimos. A soma total das dívidas, que oprimem os países africanos ao sul do Sahara, chegou a 220 bilhões de dólares. Isto representa $\frac{3}{4}$ do rendimento anual desta região e quase 2,5 vezes o produto de suas exportações. Tudo isto significa que a África está trabalhando para seus credores e não para si mesma"* (K. Kaunda, 12.02.1996).

O poder econômico e político no mundo concentra-se nas mãos das 500 maiores empresas e bancos. Esta concentração fica ainda mais impressionante, quando se sabe que das 200 maiores companhias multinacionais, 176 têm suas sedes em apenas 6 países, donde realizam 90% de seus negócios. Em ordem de grandeza: 62 empresas no Japão realizam 40% dos negócios; 53 empresas nos EUA = 25,4% dos negócios; 23 na Alemanha = 10%; 19 na França = 7,3%; 11 na Grã-Bretanha = 3,5%; 8 na Suíça = 3,1% dos negócios. Estas grandes empresas nos seis países decidem muito mais sobre o destino do mundo do que os governos dos Estados.

Um pequeno grupo de capitalistas, agiotas e agentes de câmbio sem escrúpulos exerce um papel ainda mais decisivo, dirigindo as correntes de dinheiro, que circulam tanto nos países ricos como nos países pobres, de tal maneira que começam a faltar em toda parte onde os Estados necessitam delas para cumprir suas tarefas obrigatórias. 98,4% da massa de dinheiro que existe e circula no mundo estão sendo usados para este tipo de especulações (fonte: *Banco Internacional para a Compensação de Pagamentos*, citado por Duchrow). O presidente Jacques Chirac da França chamou os agiotas que agem desta maneira nas Bolsas de *"aidéticos da economia mundial"*.

Portanto, faz muito tempo que a política dos Estados já não é nem livre nem independente, sendo, na realidade, dirigida por empresas multinacionais, mega-bancos, institutos de crédito e agentes de câmbio. Estes, porém, não estão interessados em colocar dinheiro à disposição de setores que não lhes rendem lucros como, p.ex., os setores de saúde, educação e planejamento do trabalho. Pelo contrário, tudo é sacrificado ao lucro e à própria vantagem. O ser humano como tal já não conta mais; e sua força de trabalho é excluída do



processo de produção. Também a natureza já não conta, pois os fundamentos da vida, como, p.ex., as matérias primas, são sistematicamente exploradas, gastas e destruídas.

A revolução técnico-científica e seus efeitos no mundo do trabalho

1.2.



Uma vez que o Capitalismo dispõe do dinheiro necessário, é capaz de subjugar tanto a ciência como a técnica aos seus fins. Em toda parte, é introduzido o computador; em toda parte, os processos produtivos são automatizados; através de fax e e-mail, informações são trocadas instantaneamente; a separação dos núcleos atômicos é completada pela fusão nuclear; novos elementos são criados sinteticamente, a técnica se intromete em processos vitais e até mesmo nos genes hereditários; a técnica espacial e de laser abrem novas possibilidades até então inimagináveis. Também o setor de serviços e de lazer modifica-se profundamente através de novas tecnologias. Por isso, fala-se com razão de uma “revolução técnico-científica” (cf. Lição 24).

Tudo isto causou a total transformação das condições de trabalho e produção. A direção de uma empresa moderna tem somente um objetivo: procurar como seja possível encontrar meios, para produzir cada vez mais, com cada vez menos esforço (= racionalização). Em outras palavras, máquinas são mais baratas do que a mão-de-obra. Portanto, convém eliminar a mão-de-obra o mais que puder, substituindo-a por máquinas. Somente assim, será possível concorrer e garantir a sobrevivência da empresa.

Apenas especialistas altamente preparados têm boas chances no mercado do trabalho, recebendo também os altos salários correspondentes. Serão capacitados para assumir iniciativas próprias na sua profissão e dispor de um bom poder aquisitivo correspondente. Trabalhadores, porém, que não conseguiram adquirir uma formação especializa-





da tornam-se a cada dia mais supérfluos e acabam definitivamente no desemprego. Jeremy Rifkin, autor de um livro chamado *"O fim do trabalho"*, acredita que futuramente haverá 80% de desempregados. Este prognóstico vale, evidentemente, para os países industrializados, onde os trabalhadores durante muitos anos gozaram de ocupação plena. Assim, uma situação que anteriormente reinava apenas em países do assim-chamado Terceiro Mundo começa a globalizar-se no mundo inteiro.

De outro lado, a mão-de-obra é transferida dos países industrializados para os países pobres, fazendo destes últimos uma fonte de mão-de-obra barata. Neste Terceiro Mundo, fabricam-se roupas, automóveis, computadores e outros aparelhos, fazem-se trabalhos de contabilidade e de secretariado para as empresas ricas dos países industrializados. Assim, surge uma nova maneira de colonização.

Um outro aspecto toca à exclusão de países e regiões inteiras que não dispõem nem de dinheiro nem de técnicas para fabricar produtos de alta qualidade para o mercado. Por sua qualidade inferior, os produtos do Terceiro Mundo não são capazes de concorrer. Em conseqüência, faltam-lhe os lucros; e assim cresce sua dependência dos países ricos. Desta maneira, estabelece-se um círculo vicioso: Não se podem adquirir tecnologias novas, porque faltam lucros; também não se recebem investimentos do estrangeiro. Portanto, não há meios nem de produzir melhor, nem de produzir mais.



Os seres humanos que vivem nestes países são excluídos econômica e sócio-politicamente e do sistema mundial.

Além disso, técnicas e máquinas modernas exigem conhecimentos especiais. Em consequência, informações, formação e ciência também são consideradas “meios de produção”. Já se tornaram até mais importantes do que a posse de terras, fábricas ou máquinas. Quem domina a técnica, quem dispõe do “know how” tem o poder. Uma vez que os países subdesenvolvidos não têm acesso nem às informações nem à “tecnologia de ponta”, são mantidos propositalmente numa situação de atraso científico e tecnológico pelo sistema capitalista.

De outro lado, existe uma série de países, sobretudo na Ásia, que procuram decidir a concorrência com os países industrializados ocidentais em seu próprio favor. Com esforços enormes, já conseguiram desenvolver certas tecnologias e acumular capital a ponto de dar, em relativamente pouco tempo, um salto do “tempo da pedra” para dentro do século XXI. O que caracteriza Cingapura, Malásia, Coreia do Sul e Indonésia, os tais países chamados de “tigres asiáticos”, é a ligação que fizeram entre ditadura e capitalismo. Diariamente, eles provam que a ideologia do “mercado livre” não funciona; pois, naqueles países é o Estado quem regula, dirige, manipula e se intromete sempre no sentido do capital e em detrimento das pessoas. A dignidade humana não é uma palavra que consta nos dicionários desta forma de capitalismo estatal. A consequência é um imenso empobrecimento espiritual das vastas camadas da população.

Pensamento capitalista: o neoliberalismo

1.3.

O pensamento que dirige o Capitalismo mundial é chamado, entre outras coisas, de “Neoliberalismo”. Alguns elementos que o distinguem são os seguintes:

- **A intangibilidade do mercado.** O mercado se auto-regula. O livre jogo das forças, que influenciam o mercado, mantém tudo em equilíbrio. Se esse equilíbrio ainda não foi estabelecido, a causa é que a sociedade ideal ainda não funciona. Então a culpa é do governo ou das organizações de cidadãos que se intrometem indevidamente nas “leis” do mercado e se opõem à sua evolução. A idéia mestra é a seguinte: “O mercado é perfeito, somente as pessoas são imperfeitas. O mercado promete salvação e é sagrado.”

- **“Desregularização.** A desregularização é uma exigência que surge daí. O Estado tem a obrigação de retirar-se completamente de todos os setores da economia. A ordem do dia é: acabar com as prescrições, as leis, as regras! Isto pressupõe a convicção de que u’a “mão invisível” (A. Smith) vai resolver todos os problemas. Por este motivo, é preciso afastar tudo que impede a economia do mercado capitalista. A exclusão da força trabalhadora do processo e a destruição do meio ambiente não são consequências da economia de mercado, mas das regras que lhe foram impostas indevidamente.

• **A desigualdade natural dos seres humanos.** Fala-se que a desigualdade fundamental que existe na sociedade faz parte da própria natureza humana. Cada um recebe aquilo que merece. Onde alguém vive ou sob que tipo de fatores sociais, econômicos ou históricos (= estruturais) não é decisivo. Não existe algo chamado de “justiça social” nem “injustiça”, mas somente um comportamento certo ou errado de cada indivíduo. A culpa pelos problemas sociais, pela riqueza de uns e a miséria de outros recai unicamente sobre a natureza humana.

Não se levam em consideração nem a situação nem a história que conduziram ao ponto onde cada um se encontra. Erroneamente, presume-se que todos os seres hu-



manos têm chances iguais. Trata-se, simplesmente, de aproveitar-se delas. O sistema, em si, é sempre bom. São as pessoas que criam o problema. Não é possível ajudar, através de uma assistência social, aqueles que vivem na miséria; pois são eles mesmos que têm que se libertar por próprio esforço. Esta maneira de pensar justifica um comportamento que entrega os pobres e excluídos à sua própria sorte.

• **“Neodarwinismo”:** Muitos teóricos do Neoliberalismo são também partidários do “Neodarwinismo”. Em outras palavras, transferem o princípio biológico da “seleção natural” à evolução da humanidade. Insiste-se que, na natureza, é sempre o mais forte que se impõe ao mais fraco. O mesmo acontece, portanto, no mundo humano. Quem está realmente interessado no progresso da humanidade não pode respeitar os pobres e fracos, a saber, todos aqueles que ficam para trás quando se trata de interesses econômicos. *“Aonde se aplaina, lá caem as lascas.”* Os pobres são o lixo descartável no caminho para a sociedade perfeita. Quem não é capaz de sair vitorioso no mercado é um preguiçoso e parasita. Enquanto que aqueles que conseguem sobressair-se são os valentes, dispostos a trabalhar.



As conseqüências do Capitalismo são imensas. Algumas já foram mencionadas, mas há mais:

- O dinheiro concentra-se, de preferência, em países ricos. O abismo entre países ricos e pobres cresce constantemente. É possível, porém, constatar os mesmos mecanismos até dentro dos próprios países ricos (cf. 1.1), a saber: entre classes ricas e pobres.
- Acelera-se a destruição dos fundamentos naturais do meio ambiente.
- Nas cidades, aumenta a violência contra minorias, sobretudo estrangeiros e imigrantes. Surgem grupos radicais que lutam contra as condições de vida. Em toda parte, fundam-se partidos nacionalistas. O ódio ao estrangeiro, como sinal de uma mentalidade que procura “um bode expiatório”, suplanta o pensamento racional. Regiões pobres procuram desvincular-se de regiões mais afluentes para procurar seu próprio desenvolvimento. Regiões ricas fazem a mesma coisa, para não ter que dividir sua riqueza com os mais pobres. Os ricos procuram proteger-se dos pobres, refugiando-se em “ilhas de prosperidade”. Então, fala-se de “refugiados econômicos”, distintos dos “refugiados políticos”, que é possível exilar sem ulteriores conseqüências. Camadas ricas da população retiram-se para dentro de verdadeiras “fortalezas” cercadas de muralhas, para defenderem a sua riqueza. Enquanto que o “muro de Berlim” encerrava gente, este outro tipo de muros exclui gente.
- Pessoas espiritualmente empobrecidas são empurradas para dentro de uma solidão crescente. Sentimentos de falta de sentido e o consumo de drogas aumentam.
- O Neoliberalismo declara que a economia de mercado favorece e garante a democracia. Esta afirmação, porém, foi desmentida pelos acontecimentos. Governos, partidos, parlamentos, sindicatos etc. são derrubados pela dinâmica da economia neoliberal. O controle exercido por governos eleitos pelo povo diminui constantemente. Isto conduz a novas crises: o desemprego aumenta, assim como a injustiça social e a violência. Neste sentido, já se fala até de uma nova “barbárie” na Europa. Tais tendências são capazes de provocar catástrofes no Terceiro Mundo: revoltas populares, violência cega, governos fracos e instáveis e guerras civis que não acabam mais.



Em parte, já estamos assistindo a tudo isso. Basta lembrar-se da criminalidade urbana incontrolável. Em 1992, p.ex., Washington foi declarada a cidade mais criminosa do mundo. Recordamos ainda os conflitos cruéis e intermináveis na ex-Jugoslávia; a morte de milhões de seres humanos no Afeganistão, em Sri Lanka, na Chechênia, Ruanda, Burundi, República do Congo; ou as guerras civis na Uganda, Angola, Sierra Leone, no Sudão e Congo-Brazzaville... Ainda há países que são considerados política e economicamente estáveis, como o México, Chile, Argentina, Brasil, Indonésia, Índia e África do Sul. Nestes países, o Capitalismo pressupõe a instauração de um sistema governamental estável e democrático. Quando, porém, um destes países mostra sinais de distúrbios políticos e diminuição da renda *per capita*, seguida por uma hemorragia financeira, então os investimentos financeiros, que lhes são necessários, são imediatamente retirados.

Isto equivale a um enfraquecimento da política social de qualquer país. Naturalmente, os que mais sofrem por causa desta situação são os que vivem na classe mais baixa da escala social. Uma vez que o sistema pode bem dispensar deles, acabam excluídos do sistema social. Esperando inutilmente por reformas sociais, perdem pouco a pouco o interesse naquilo que acontece politicamente.

A dependência do dinheiro internacional conduz ao enfraquecimento do movimento trabalhista e dos partidos políticos. Na mesma medida em que a influência do Estado sobre os acontecimentos econômicos desaparece, diminui também a confiança do povo nos partidos políticos, no parlamento e no governo. Retiram-se da cena política. Já ninguém mais acredita que seja possível movimentar algo por meios políticos. As pessoas refugiam-se na sua esfera privada e lutam unicamente pelos seus interesses particulares. Procuram instalar-se o melhor possível no "aqui" e "agora", sem ocupar-se da sorte dos outros. Esquecem-se do passado e não pensam no futuro.

Portanto, o maior perigo para as novas democracias emergentes na América Latina, Europa Oriental e Ásia, não é tanto um retorno a regimes autoritários, mas a resignação, a indiferença e o distanciamento. As pessoas transformam-se em meros consumidores e usufrutuários dos serviços públicos. Em outros países, sobretudo na África, existe o perigo de que sistemas políticos inteiros simplesmente desmoronam e se perdem no caos. Então, a lei do mais forte prevalece.

Novas formas de organização política e econômica

1.5.

Contudo, em todas as partes do mundo já existem também tendências que procuram novas formas de domínio. Uniões políticas e econômicas procuram impor seus interesses particulares e reconquistar o controle político sobre os mercados.

Novos blocos comerciais são destinados a proteger mercados regionais. Na verdade, o interesse de criar blocos econômicos emerge, sobretudo, por parte das empresas



multinacionais. Ambicionam segurar para si um mercado estável e lucrativo onde possam vender seus produtos. Países que oferecem ou compram menos produtos têm poucas chances de conseguir impor-se nesta nova ordem internacional.



OS BLOCOS ECONÔMICOS MAIS SIGNIFICATIVOS:

- *** O grupo "G7 + 1" é formado pelas sete nações industrializadas mais ricas (Membros: Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Canadá, EUA, mais a Rússia).
- *** **NAFTA:** *North American Free Trade Association* (= Associação norte-americana de livre comércio). Membros: Canadá, EUA e México.
- *** **OECD:** *Organization for Economic Cooperation and Development* (= Organização para cooperação e desenvolvimento econômico). Membros: Alemanha, Austrália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grécia, Grã-Bretanha, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Canadá, Luxemburgo, Nova Zelândia, Países Baixos, Noruega, Áustria, Portugal, Suécia, Suíça, Espanha, Turquia, EUA.
- *** **Grupo do Pacífico:** Grupo de países latino-americanos ao longo do Oceano Pacífico. Membros: Bolívia, Equador, Colômbia, Peru, Venezuela.
- *** **Mercosul:** Mercado Comum dos países do Cone Sul. Membros: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

BLOCOS POLÍTICOS:

Em todos os setores, os problemas da vida moderna tornaram-se tão complexos que já não podem ser resolvidos por países individualmente. Portanto, em todos os continentes, os países procuram unir-se por meio de um processo unificador, para proteger e precaver-se contra outros blocos poderosos.

Os blocos políticos mais importantes:

- *** **União Européia:** Membros: todos os países da Europa Ocidental, exceto a Noruega e a Suíça (situação em 1997).

- **CSZE:** Conferência para a Segurança e Colaboração na Europa. Membros: todos os Estados europeus, inclusive o Canadá e os EUA.
- **OEA:** *Organization of American States* (= Organização dos Estados americanos). Membros: todos os Estados americanos independentes, exceto Cuba, Belizes e as Guianas.
- **OAU:** *Organization of African Unity* (= Organização de Unidade africana). Membros: todos os Estados independentes do continente africano.
- **ASEAN:** *Association of South East Asian Nations* (= Associação de Nações do Sudeste Asiático). Membros: Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Brunei, Vietnã.

ORGANIZAÇÃO QUE NÃO PERTENCE A BLOCOS COM INTERESSES POLÍTICO-ECONÔMICOS.

- **ONU:** *United Nations Organization* (= Organização das Nações Unidas). A ONU existe desde 1945. Seu objetivo principal é fomentar relações amigáveis entre as nações, fundamentadas na igualdade de direitos e na autodeterminação dos povos, assim como na cooperação para a solução de problemas internacionais. Neste sentido, a ONU seria a instância mais apropriada para garantir que a globalização da economia possa assumir feições humanas.

Os departamentos mais importantes da ONU são:

- ECOSOC: Conselho para economia e sociedade;
- UNCTAD: Conferência mundial de comércio e desenvolvimento;
- UNHCR: Alto Comissariado para refugiados
- UNICEF: Obra de ajuda para a infância;
- FAO: Organização mundial de alimentação;
- ILO: Organização internacional do trabalho;
- UNESCO: Organização para educação, ciência e cultura.



Crise da civilização

1.6.

Evidentemente, não estamos diante de uma crise passageira de adaptação. Trata-se de muito mais: os fundamentos da civilização ocidental estão vacilando. Uma vez que o Capitalismo se impõe mundialmente, essa crise atinge a humanidade inteira e todas as culturas.

Sob a sigla “civilização” entende-se a soma de todas as condições de vida criadas pela ciência e tecnologia, assim como as formas correspondentes de comportamento. Final-



mente, porém, trata-se de questões ideológicas: “Pode-se entender o ser humano apenas como um ser econômico? É viável incluí-lo no mero cálculo de utilidade/ despesas, ou seja, no único critério do Capitalismo? O Capitalismo representa um sistema que chupa a própria medula dos ossos de cada indivíduo, quer dizer, aquilo que ainda lhe resta de comportamento humanitário” (V. Forrester).



Crítica do Capitalismo

2.

Forçosamente, a descrição do Capitalismo tinha de ser bastante negativa. Isto não significa que estamos opondo-nos a um sistema que engloba o mundo inteiro. Pelo contrário, um mercado do qual todo mundo participa é até uma exigência que emerge da fé cristã e da espiritualidade franciscana.

Uma economia mundial entendida assim há de servir à justiça, à solidariedade mundial e à conservação da integridade da Criação. É necessário que haja uma economia em nível mundial, que não tenha seu único objetivo na acumulação do dinheiro, mas na preservação e propagação da vida. Sob este ponto de vista, os seguintes critérios principais serão resumidos.

Crítica interna do Capitalismo

2.1.

Até dentro do sistema capitalista é possível encontrar elementos de uma autocrítica. Seguem dois exemplos:

• O Capitalismo como ideologia

Num jornal da Suíça que trata de assuntos econômicos, publicou-se no início de 1997 um artigo sobre “A totalização da economia do mercado” (cf. “Cash”, 24.01.97 e “Die Zeit”, 17.01.97). Neste artigo, George Soros, americano de descendência grega e um dos corretores financeiros mais proeminentes, se explica minuciosamente. Quando ele tinha constatado que ganhava mais dinheiro do que necessitava, resolveu fazer uma fundação para promover uma sociedade aberta. Anualmente, 350 milhões de dólares deste fundo são aplicados para ajudar à democratização da Europa Oriental.

Para Soros, a economia de mercado constitui um sistema de fé com uma ideologia completa, comparável ao Comunismo, ao Fascismo ou outros sistemas semelhantes. Dois

aspectos caracterizam um sistema totalitário: a convicção absoluta de ter encontrado a verdade e, em consequência, a convicção de ser capaz de distinguir o "bem" do "mal". Portanto, a gente acaba obrigando outros a aceitarem uma opinião impossível de comprovar: "Enquanto é possível falar na nossa sociedade de uma opinião prevalecente, então se trata da fé no poder mágico do mercado. A doutrina do Capitalismo do "laissez-faire" declara que o bem comum é melhor servido pela procura ilimitada do interesse próprio de cada um. Nos mercados financeiros do mundo, consegui adquirir uma fortuna. Entretanto, desconfio que a intensifi-



cação do Capitalismo do "laissez-faire" e a propagação dos valores do Capitalismo em todos os setores da vida são capazes de destruir a nossa sociedade aberta e democrática. O inimigo mais importante de uma sociedade aberta já não é mais o Comunismo, mas o Capitalismo. A afirmação que alega que mercados abertos cuidam "ipso facto" da melhor distribuição de recursos já não é mais possível manter. (...) A teoria, supostamente científica, que a sustenta demonstra-se um complexo rígido, cujas conclusões são contidas nas suas próprias premissas. Acaba demonstrando uma semelhança inquietante com o Marxismo, que também reclamava para si um "status" científico.

Uma vez que a ideologia do "laissez-faire" pressupõe que as circunstâncias que regulam oferta e procura são dados de antemão, declarando a intervenção do Estado como o máximo mal, a redistribuição das rendas e a prosperidade geral ficou, desde o princípio, vedado ao fracasso. Posso admitir que tentativas de redistribuição têm efeitos sobre o poder do mercado, porém, disso não é possível deduzir que seja necessário fazer tais tentativas.(...)

A prosperidade acumula-se na mão dos seus proprietários. E quando não existem mecanismos para garantir a redistribuição da riqueza, possivelmente se chegará a injustiças insuportáveis."





O redator do jornal concorda com o pensamento de Soros, escrevendo um artigo fundamental sob o título: “Em nome do mercado, Amém!”, onde declara: “Porque será que justamente um jornal econômico como “CASH” fala em duas páginas inteiras sobre a alegação de que o mercado é uma ideologia, sobretudo uma

ideologia totalitária? Justamente por esse motivo. Porque nós mesmos também não somos imunes contra o totalitarismo do mercado. Sejam honestos: se George Soros não fosse mais que “uma pessoa honesta, que já leu muitos livros inteligentes”, então nem nós, nem “Die Zeit”, nem a “Herald Tribune” teriam deixado Soros escrever uma única nota no pé de uma página. Pelo contrário, porém, Soros é um famoso bilionário... O fato de que nós o levamos a sério demonstra que, neste ponto, a esfera do dinheiro transmigrou para a esfera do espírito. A usurpação do princípio de ordem ou da redistribuição a um outro princípio que lhe é estranho demonstra justamente aquilo que o politólogo Michael Walzer descreve no seu livro “Sphären der Gerechtigkeit” (= Esferas da justiça) como uma tirania, que - na sua forma mais extrema, - é um totalitarismo. Enquanto o dinheiro domina unicamente o setor da economia, não há nada para reclamar. Quando, porém, a economia esvazia a vida, quando a política, o estado social e a ciência se submetem às leis do mercado e quando países inteiros, como simples lugares econômicos têm que lutar pela sua sobrevivência, então o totalitarismo já não é distante...”

• Liberdade e Neoliberalismo

Numa palestra palpitante, Marion Condessa Dönhoff, uma das mais notáveis jornalistas do após-guerra, falou ao partido da F.D.P.²: “É uma grande honra para mim receber hoje e aqui o Prêmio Reinhold-Maier, a saber, uma distinção destinada a pessoas que manifestam simpatias pela causa liberal ... Em 1952, Reinhold Maier, o primeiro governador do Estado de Baden-Württemberg, declarou numa certa ocasião: ‘Queremos a liberdade inteira e por toda parte. Queremos a liberdade econômica e cultural, no interior e no exterior. Não existem várias liberdades, nem liberdades inferiores, nem liberdades compartimentadas, mas existe somente a liberdade, pura e simplesmente.’”

² Partido Democrático Livre da Alemanha. Esse partido entende-se como tradicional e advogado do pensamento de liberdade e do “mercado livre”.

Quando a gente realiza o que significava esta erupção idealista, então é possível avaliar até que ponto os tempos mudaram... Hoje, quer dizer, depois de quarenta anos, somos mais céticos. A liberdade cultural, será que a usufruímos realmente? A liberdade econômica, nós a temos; pois dispomos da liberdade do mercado e também há inúmeras provas de que a economia de mercado seja o sistema econômico mais eficiente que conhecemos. Esse sistema, porém, tem efeitos colaterais que antes nem imaginávamos.

O motivo é o seguinte: A lei, segundo a qual a economia de mercado funciona, é a concorrência. A essência da concorrência, porém, é dinâmica. Cada vez, a gente tem que visar mais rápido, mais alto, mais longe. O motor que aciona tudo é o proveito próprio. Tenho que realizar mais para ganhar mais do que meus concorrentes. Responsabilidades pelo todo, pela comunidade, competem unicamente ao Estado, que deve assumi-las.

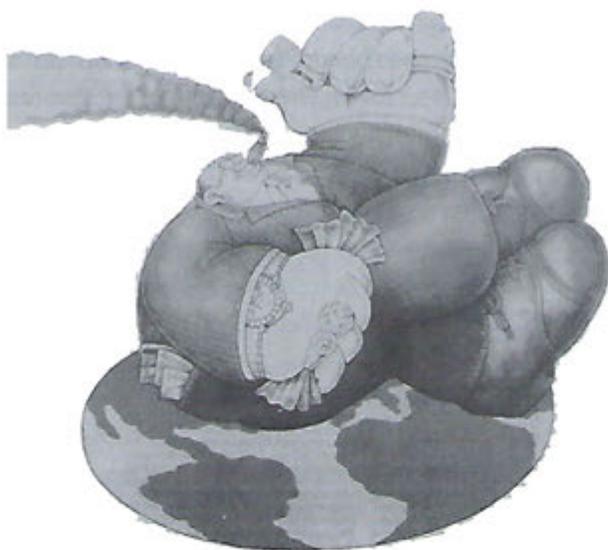
Parece que hoje a vida inteira se resume no fator econômico. A dimensão espiritual, humana, artística é marginalizada. Toda a energia se concentra no setor econômico. Um processo total de "coisificação" está acontecendo. Vivemos numa sociedade tecnocrata, onde a eficiência e a racionalização são os fatores mais importantes...

O clima geral criou uma certa "mania": A ânsia de querer enriquecer-se está se propagando, sem encontrar limites notáveis. Já não existem normas éticas, nem barreiras morais. A divisa se chama: "liberdade total".

Uma liberdade desenfreada, porém, conduz à brutalização e à criminalidade. Na semana passada, Stefan Schmidtchen, professor de psicologia na universidade de Hamburgo, declarou à revista semana "Die Welt": 'Nunca antes, o limiar da violência era tão baixo como está atualmente acontecendo entre os jovens.' O problema maior consiste no fato de que já não se consegue mais transmitir valores éticos fundamentais, como p.ex. a compaixão, a caridade ou o respeito por pessoas idosas. A liberdade que não obedece a uma certa auto-limitação

conduz finalmente a situações que levam a clamar por um "homem forte", o que seria uma verdadeira anti-tese, a saber, o retorno a um regime autoritário.

No nosso país, a situação continua ainda melhor do que em muitos outros países, mas também entre nós a corrupção atingiu níveis nunca antes conhecidos. O procurador-geral de Frankfurt declarou recentemente que, desde 1987, no seu setor foram investigados 1500 acusações contra funcionários de



alto escalão e contra empresários, por motivo de subornos. Algumas semanas atrás, foi possível ler no jornal que atualmente existem investigações contra 2700 médicos, acusados por delitos semelhantes. Parece definitivamente perdida a noção daquilo que seja 'lícito' e daquilo que não seja lícito fazer.

Qualquer sociedade, porém, precisa de amarras. Sem regras do jogo, sem tradições, sem um certo consenso sobre os modos de proceder não é possível que haja uma coletividade funcional e estável. O sistema de mercado desenfreado, que não se apóia em conceitos éticos, não destrói apenas a solidariedade, mas finalmente também a própria sociedade. Quando já não for mais possível entender-se a respeito de um mínimo consenso ético, então este sistema vai acabar numa luta livre de "catch-as-catch-can". Eu não ficaria espantada se, daqui a dez anos, o Capitalismo desmoronasse do mesmo jeito como, há pouco tempo, aconteceu ao Socialismo.

Hoje em dia, a obrigação ética de assumir responsabilidades é mais urgente do que nunca. O filósofo Hans Jonas adverte: "Antigamente, os dez mandamentos da Lei de Deus eram suficientes. Mas na era da globalização, considerando o poder destruidor do qual os homens dispõem e também considerando o progresso técnico alcançado, que permite até mudar a genética hereditária, criando eventualmente um novo tipo humano, temos que desenvolver uma ética que nos faça conscientes da responsabilidade enorme que nós temos."

O Estado de direito, a separação dos três poderes, o pluralismo, estas são premissas necessárias. Mas, se vai ser possível alcançar aquela liberdade, com a qual Reinhold Maier sonhava, dependerá da intenção e do comportamento daqueles que hão de viver naquele Estado de direito.

É exatamente nisso que consiste a responsabilidade dos liberais. Depende, sobretudo, deles recordar aos cidadãos essa configuração. Eles já fizeram muito para promover o Estado de direito, ao qual a época do Iluminismo preparou o caminho. A partir de agora, terão que zelar também para reprimir a perversão da liberdade econômica, para que a "mão invisível" do mercado obedeça a certos freios. São justamente os liberais os mais indicados para fazer isto, pois foram eles que inventaram o mercado livre. De fato, o compromisso de re-moralizar esse mercado é a sua obrigação.

No comportamento liberal, há sempre um certo elemento contraditório que consiste, de um lado, na sua resistência contra o poder de qualquer governo absolutista, mas, de outro lado, também numa certa resistência contra a atual moda vigente. A essa dimensão pertence igualmente: relativizar todas as ideologias badaladas que se auto-proclamam como sendo 'a salvação'... " (Die Zeit, 02.02.1996)

Crítica geral

2.2.

Necessariamente, o Capitalismo tem que ser analisado também por uma crítica objetiva, que vem de fora deste sistema.

• Economia como preocupação:



Conforme o sentido original do conceito, a economia deve cuidar, antes de mais nada, da organização de tudo aquilo que faz parte de uma boa administração caseira. Trata-se de tomar conhecimento das necessidades das pessoas e satisfazê-las. A economia moderna, porém, já não se orienta segundo essas necessidades fundamentais, mas trata, antes de mais nada, de aumentar o dinheiro disponível e acumular capital. Seria urgente que ela redescobrisse sua tarefa primária e seus objetivos específicos.

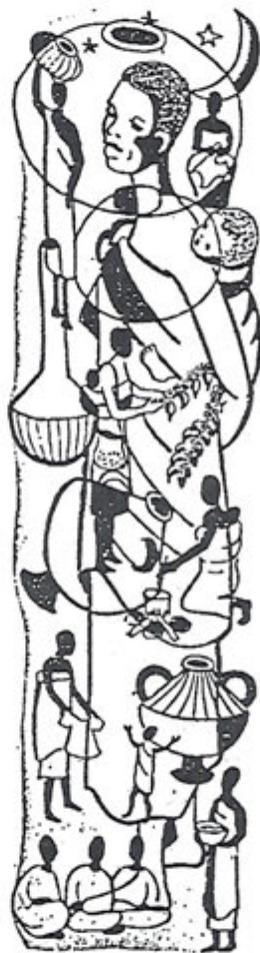
• Cuidar de todos:

Necessariamente, a economia tem que cuidar das necessidades de todos, igualmente. Não poderá excluir ninguém. Não devia, como acontece atualmente, contentar somente uma terça parte da humanidade, excluindo os outros do bem-estar. Tem a obrigação de procurar e encontrar meios para ajudar a todos para que possam levar uma vida digna.

• Uma outra medida:

Para avaliar a prosperidade de um povo, é preciso recorrer a outros critérios que simplesmente ao PIB (= Produto Interno Bruto), ou seja, à soma dos bens e serviços materiais disponíveis. O PIB simula apenas um bem-estar. Em certas ocasiões, chega a referir-se à pobreza de maneira injusta. Pois pode acontecer que a maior parte de uma população sofre, mesmo quando o PIB cresceu alguns percentuais.

Necessidades físicas, psíquicas e espirituais do ser humano (como a saúde, o bem-estar, os projetos para o futuro, o amor, as experiências sensíveis, a acolhida, a vida em circunstâncias bem sucedidas, a proximidade da natureza...), tudo isto não é possível captar ou assegurar pelo índice do PIB. Mas, justamente estes elementos deveriam ser os critérios e objetivos mais importan-



tes da economia. A orientação unilateral no sentido do crescimento material, ou seja, do aumento do PIB, é a causa imediata do empobrecimento da alma, da destruição da natureza, da explosão da violência, da ruptura das relações, da perda do sentido e da esperança. Tudo isto deveria ser computado do lado das 'despesas' no balancete. Uma economia sadia tem que orientar-se, em primeiro lugar, levando em conta o fator social.

• Condições iguais:

A opinião reinante, que proclama que o mercado é livre, não corresponde à realidade. O livre jogo das forças pode acontecer somente quando as premissas são obedecidas, a saber, quando há as mesmas e justas condições para todos e desde o início. Quando uma grande parte da população é excluída da possibilidade de produzir e de comprar, também não será possível chegar a um idealizado "equilíbrio de forças". O abismo entre ricos e pobres aumenta; e, em vez do equilíbrio, chega-se à ditadura, exercida pelos mais inescrupulosos.

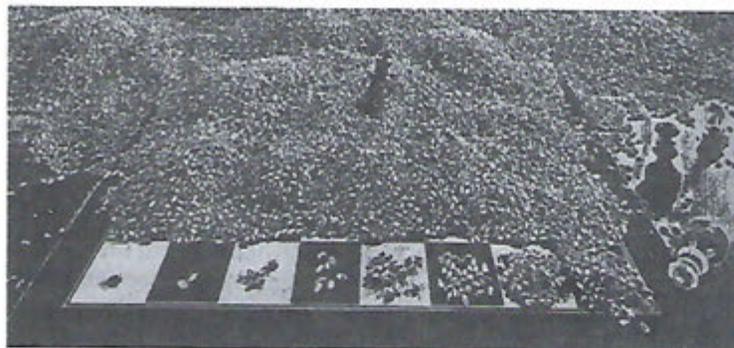
• O papel do Estado:

Por isso, o Estado tem que fixar regras e leis em favor daqueles que são marginalizados, prejudicados e excluídos das atividades do mercado, tratando-se tanto de pessoas como da natureza explorada. Quando as condições iniciais não são justas, a desregulamentação também não poderá trazer uma solução justa.

• O futuro:

O "desenvolvimento sustentado" (= a possibilidade e os meios de manter um certo nível de desenvolvimento por tempo indefinido) tem que chegar a ser um pensamento-chave da nova economia. Em outras palavras, não se trata de conseguir vantagens a curto prazo, mas de garantir a sobrevivência da humanidade a longo prazo.

O 'Clube de Roma'³ resumiu este objetivo em uma só fórmula: 'Bem-estar dobrado, - consumo (da matéria prima natural) reduzido à meta-



³ Associação livre de personalidades da ciência e da política, fundada em 1968 em Roma, que se reúne regularmente para elaborar propostas no sentido de solucionar e assegurar o futuro da humanidade.

de'. Acredita-se, portanto, que seja possível resolver o problema da pobreza, quando o número daqueles que alcançam um nível de vida satisfatório na população mundial seja o dobro do número que conseguiu isto até agora, e quando o consumo das riquezas naturais da terra for reduzido pela metade. Isto, de fato, exigiria dos países ricos uma notável redução de suas exigências; e a exploração das matérias primas, que se gastam pela classe dominante, teria que ser reduzida à décima parte. Muitos exemplos comprovam que a estratégia elaborada pelo 'Clube de Roma' é realista, não exigindo nada que seja impossível.

- **O papel da razão:**

A economia terá que superar muitas convicções ainda vigentes, que se assemelham ao pior dogmatismo imaginável, como acontece p.ex. no âmbito religioso. Ao contrário, convém estimular a coragem de fazer inovações, de sonhar, desenvolver o espírito inventivo, assumir riscos e tomar a iniciativa de repartir. Todas as leis da economia tradicional têm que ser re-examinadas criteriosamente.

- **Uma nova ordem de valores:**

O trabalho tem que ser entendido de maneira nova, a ponto de sua função ser reinventada. O desemprego não pode, nem deve ser resolvido apenas pelo crescimento do PIB, o tão badalado remédio universal. A eficiência proíbe isto. Antes, é preciso procurar novos campos de trabalho além do setor da produção. O trabalho também tem que ser distribuído de maneira mais justa. Os novos valores e virtudes de uma sociedade futura serão a moderação, a serenidade, a solidariedade e uma nova cultura de partilha.

- **O problema do crescimento:**

A "livre economia de mercado" apóia-se numa premissa falsa, insinuando que a economia seja capaz de crescer indefinidamente. Já um simples cálculo aritmético demonstra que isto é uma ilusão. Uma economia que contasse com isto iria condenar-se a si mesma à autodestruição. Basta lembrar a conhecida história do homem



que inventou o jogo do xadrez. Para recompensa, este homem pediu para si, um grão de trigo no primeiro quadrado do tabuleiro de xadrez, depois dois grãos de trigo no segundo, quatro grãos de trigo no terceiro, e assim por diante, em progressão geométrica. O rei daquele país não foi capaz de satisfazer a esse pedido, pois finalmente, teria que entregar 18,5 trilhões de grãos, o que equivaleria a 740 bilhões de toneladas de trigo, ou seja, 440 vezes a colheita total de um ano inteiro.

Um outro exemplo: Se alguém tivesse depositado um centavo num banco na época quando Jesus nasceu, para receber 5% de juros. Esse dinheiro teria em 1990, um valor equivalendo a 134 globos de ouro, cada um deles tendo o peso da terra. Trata-se aqui de comparações lúdicas. As leis matemáticas, porém, que se escondem atrás destas brincadeiras, são as mesmas como aquelas que dirigem a ideologia do crescimento e o sistema abrangente dos juros.

Que se trata de uma realidade e não apenas de um jogo, demonstra o exemplo seguinte: Ainda no início dos anos 80, era possível comprar fundos (valores) públicos norte-americanos que receberiam juros de 14% após um prazo de circulação de 30 anos. Eram os assim-chamados "zero-bonds" ou "empréstimos zero-coupon". Estes papéis não receberiam juros anuais, mas seriam levados a crédito e pagos, com seus juros e juros compostos, depois de 30 anos. Em outras palavras: se alguém tivesse investido US\$ 10.000 naquela época, o governo dos EUA seria obrigado a restituir-lhe no ano de 2012, cerca de US\$ 500.000, ou seja, 50 vezes mais do que aquilo que foi investido inicialmente.

O fato de um governo ter a audácia de fazer uma promessa tão arriscada é significativa pela situação em que se encontrava. Pois, uma semelhante promessa poderia ser realista, unicamente se os resultados da economia nacional aumentasse no mesmo ritmo, permitindo rendas 50 vezes maiores do que 30 anos atrás.

Não é preciso explicar por que motivo um tal aumento do superávit é totalmente irreal, mesmo se não houvesse, adicionalmente, o problema da destruição do meio ambiente. Pois, tais contratos de crédito só podem ser realistas quando se pressupõe uma desvalorização inflacionária da moeda. Uma outra "solução" simplesmente não é possível oferecer. Em outras palavras, isto admite que o governo dos EUA nem tinha a intenção de garantir, a longo prazo, a estabilidade do poder de compra da sua moeda. Portanto, mais cedo ou mais tarde, o Capitalismo desenfreado vai autodestruir-se a si mesmo, sendo isto uma mera questão de tempo. Até chegar a este ponto, porém, haverá estragos jamais reparáveis da natureza e a morte de milhões de seres humanos.

• A região como um espaço econômico:

Importa, agora, revitalizar as regiões geográficas como espaços vitais, culturais e econômicos. O sistema da "descentralização" é mais favorável ao futuro e mais duradouro do que as mega-empresas, que procuram englobar toda concorrência, matando a iniciativa e "enxugando", a saber, eliminando lugares de trabalho.

• Utopia:

Trata-se de voltar a sonhar e a projetar medidas utópicas, para não absolutizar a situação atual. Temos que procurar novos objetivos e alvos em todos os setores e a todos os níveis. Isto não é possível sem a força da utopia e a coragem de assumir riscos.

• O problema do dinheiro:

F. Leutwiler, antigo chefe da *Notenbank* na Suíça, declarou: *“Não ha outra maneira para enriquecer tão poucos e empobrecer tantos em tão pouco tempo, a não ser utilizando a inflação.”* (Creuz 127).

Segundo a opinião de Hans Christoph Binswanger, conhecido economista suíço, será possível elaborar uma economia mundial que seja humanamente digna e futuramente sustentável, apenas quando o tema “dinheiro”, com seu séquito de juros compostos, inflação, especulação etc., tenha sido reavaliado desde o princípio. Ele escreve: *“99% da humanidade não enxerga o problema do dinheiro. A ciência também não o enfrenta, nem a economia, declarando-o “não existente”. Enquanto, porém, não identificarmos a economia do dinheiro como um problema sério, não será possível encaminhar uma verdadeira virada ecológica.”*

A crítica sócio-ética da Igreja

2.3.

A doutrina social da Igreja manifestou-se relativamente cedo com sua crítica ao Capitalismo. Convém até acrescentar que essa profecia sócio-ética inicial da Igreja foi extremamente acertada. A tragédia é que, em geral, os próprios cristãos quase não tomaram conhecimento desta doutrina, nem mesmo os partidos políticos cristãos que, no âmbito político, invocaram e se referiam expressamente à imagem cristã do ser humano.

• Já a 1ª Encíclica social da Igreja condena o Capitalismo

Sem usar a palavra “Capitalismo”, a realidade que se esconde atrás deste conceito já foi descrito com palavras fortes na primeira Encíclica sobre a questão social (*“Rerum novarum”*, de 1891, do Papa Leão XIII), onde o Papa fala da *“alteração das relações entre os operários e os patrões, a afluência da riqueza nas mãos de um pequeno número ao lado da indigência da multidão”* (RN 1).

No decorrer do século XIX, as corporações da classe trabalhadora foram destruídas na Europa, nenhuma instituição nova tomando o seu lugar. A vida pública e nacional distanciava-se mais e mais da visão cristã do mundo. Os operários ficaram cada vez mais entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. *“A tudo*



isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários” (RN 6)

O Papa viu numa larga difusão da riqueza um remédio possível contra a situação insustentável, portanto exigiu “em primeiro lugar, uma distribuição mais eqüitativa dos bens da terra.”

“A violência das revoluções políticas dividiu o corpo social em duas classes e cavou entre elas um imenso abismo. Dum lado, a onipotência na opulência: uma facção que, senhora absoluta da indústria e do comércio, torce o curso das riquezas e faz correr para o seu lado todos os mananciais; facção que, aliás, tem na sua mão mais dum motor da administração pública. Do outro, a fraqueza na indigência: uma multidão com a alma dilacerada, sempre pronta para a desordem” (RN 66).

A respeito da justiça, a Encíclica admoesta: “Entre os deveres principais do patrão, é necessário colocar em primeiro lugar o de dar a cada um o salário que convém. (...) Duma maneira geral, recordem-se o rico e o patrão de que explorar a pobreza e a miséria e especular com a indigência são coisas igualmente reprovadas pelas leis divinas e humanas; que cometeria um crime que clama vingança ao céu quem defraudasse a qualquer um o preço do seu labor” (RN 32).

Expressamente se cita a carta de São Tiago (5,4) que, por sua vez, recorda as leis divinas que vigoravam no antigo povo de Israel (cf. Lv 19,13 e Dt 24,14ss.).

Neste aspecto, não se trata somente de justiça, mas também de dignidade humana. A sociedade, à qual o Papa Leão XIII se dirige, tem que se lembrar de que o trabalho, “longe de ser um objeto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece o nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano é usar dos homens como vis instrumentos de lucro, e não os estimar senão na proporção do vigor de seus braços” (RN 31).

Portanto, sem pronunciar o conceito “Capitalismo”, o Papa Leão XIII o descreve com clareza, com seus resultados funestos, sobre o fundo da situação social, criada pelo mesmo Capitalismo.



A atual difusão a nível mundial do sistema (liberal) capitalista (= globalização) ameaça retornar a situações como as que reinavam na Europa um século atrás. Isto basta para nos demonstrar o perigo deste sistema.

• O condenável imperialismo do dinheiro

A Encíclica *“Quadregesimo anno”*, escrita pelo Papa Pio XI, quarenta anos depois da *“Rerum novarum”*, critica com veemência *“o pernicioso e reprovável internacionalismo do capital, ou seja, o imperialismo do capital financeiro internacional, que se instala em toda parte onde encontra despojos que se possa apropriar”* (QA 109)

A Constituição Pastoral *“Gaudium et Spes”* do Concílio Vaticano II, adverte: *“Quanto ao auxílio material para as nações em vias de desenvolvimento, não se poderá prestá-lo, se os costumes do atual comércio mundial não forem profundamente modificados”* (GS 85).

• A cegueira do mercado livre:

Na sua Carta Apostólica *“Populorum Progressio”* (1967), o Papa Paulo VI critica, sobretudo, *“a doutrina reinante do livre comércio”*, que - como a experiência comprova - aproveita unicamente aos mais fortes que atuam no comércio mundial, prejudicando simultaneamente os mais fracos. Destes dados, o Papa tira a conclusão de que os mecanismos do mercado não são capazes, por própria conta, de organizar as relações comerciais entre países ricos e pobres de tal modo que sejam humana e eticamente aceitáveis.

O Papa rejeita a concorrência ilimitada, porque promoveria a acumulação de poder econômico, tornando-se cego aos ditames da justiça. As relações desiguais de intercâmbio entre países industrializados e países ainda subdesenvolvidos contribuíram para a criação e continuação de um verdadeiro *“apartheid”*⁴ a nível global que impede a cerca de 800 milhões de seres humanos o acesso a uma vida humanamente digna.

• As estruturas da injustiça:

Na sua Encíclica *“Sollicitudo rei socialis”* (1987), o Papa João Paulo II, condena de maneira radical o sistema de injustiça que vigora atualmente entre os países do hemis-



⁴ Esta palavra de origem neerlandesa descreve a separação rigorosa de desenvolvimento entre a população branca e a população negra, que vigorava durante meio século na África do Sul.



Como nós perdoamos



férico norte e do hemisfério sul, repetindo a crítica dos mecanismos da economia de mercado. Apesar de serem dirigidos por pessoas humanas, esses mecanismos aparecem quase autômatos, ao reforçarem a situação de riqueza de uns e a pobreza de outros. Tais mecanismos favorecem os interesses daqueles que os dirigem; esmagando e manipulando finalmente, de maneira total, as ordens econômicas dos países menos desenvolvidos (cf. SRS 16).

Assumindo um conceito da Teologia de Libertação, o Papa fala de "estruturas do pecado". Assim, ele manifesta claramente que essas estruturas não são apenas falhas ou erros do sistema, mas mecanismos dirigidos por pessoas humanas, pelos quais essas pessoas são responsáveis, porque sub-

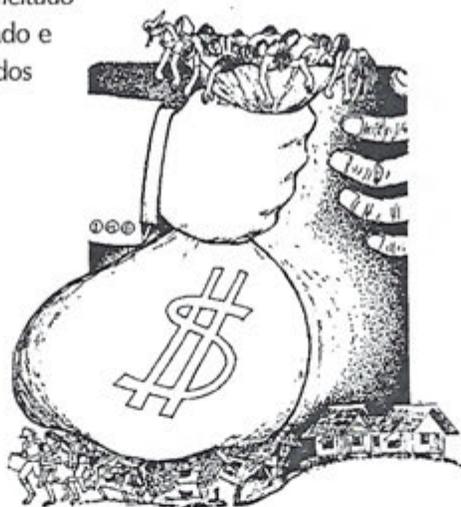
metidos a uma avaliação ética e teológica.

Certamente, não é claro até que ponto estruturas do poder e os correspondentes interesses influenciam, de verdade, os critérios éticos e a liberdade de decisão das pessoas que agem. Em outras palavras: o chefe de uma grande empresa, será que está realmente bastante livre e capaz de orientar suas decisões segundo os ditames do "Sermão da Montanha"?

Apesar desta incerteza, fica o grande mérito da "Sollicitudo rei socialis" de ter assumido o papel de advogado e intercessor dos interesses dos parceiros prejudicados e mais fracos no diálogo entre o norte e o sul.

• A superação da crise da dívida externa

Sob o título "A serviço da comunidade humana: um princípio para a superação da crise internacional da dívida externa", a Comissão Pontifícia "Justitia et Pax" se manifestou em 1987 num documento, tratando detalhadamente do problema sem, contudo, dar sugestões concretas como o problema poderia ser superado. Em todo caso, a comissão aponta os abusos mais flagrantes e oferece orientações éticas.



Pagar é morrer

Em 1991, o Papa João Paulo II também deu sua opinião na Encíclica jubilar “*Centesimus Annus*” (= cem anos depois da “*Rerum novarum*”), escrevendo: “*Todos os esforços positivos empreendidos continuam prejudicados pelo problema ainda não solucionado da dívida externa que pesa sobre os países mais pobres. Certamente, o princípio que alega que dívidas têm que ser liquidadas existe com plena razão. Não é lícito, porém, exigir ou reclamar um pagamento que obriga medidas políticas que levam povos inteiros à fome e ao desespero. Não se deve exigir que dívidas acumuladas sejam pagas a custo de sacrifícios insuportáveis. Nestes casos, como, aliás, já acontece ocasionalmente, convém procurar formas de aliviar, adiar ou mesmo anular o reembolso da dívida. Há de tratar-se de forma que sejam compatíveis com os direitos fundamentais à preservação e ao progresso dos povos*” (CA 35).

Crítica teológica

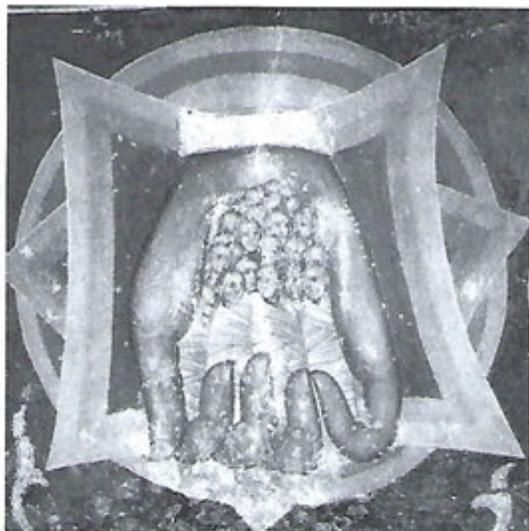
2.4.

Muitas fórmulas utilizadas pelo Capitalismo têm sua origem no vocabulário religioso. Suas doutrinas são anunciadas como dogmas. Suas previsões soam como promessas. Os bens de consumo são apresentados pela propaganda quase como sacramentos, religiosamente desejados. Por este motivo, fala-se na América Latina até de uma “*teologia do processo produtivo*”. O conhecido economista J.K. Galbraith usa o termo de uma “*teologia do laissez faire*”, dizendo: “*Assim como se acredita em Deus, assim se deve acreditar igualmente no sistema neoliberal. Sob este ponto de vista, os dois são idênticos*”.

A globalização da economia, o colapso do sistema socialista e a revolução das técnicas de comunicação são conseqüências naturais desta nova religião. O progresso tecnológico é o caminho ao paraíso, e o maior pecado é “*a tentação de fazer o bem*”, em vez de submeter-se dócil e humildemente ao mercado e às suas leis divinas. Em face desta teologia e seus ídolos, a Bíblia faz valer a voz profética do Deus verdadeiro.

• O Deus verdadeiro:

Numa linguagem francamente religiosa, Adam Smith fala da “*mão invisível*” que dirige os acontecimentos da economia do mercado para o bem de todos. Desta maneira, estru-



turas injustas são iluminadas por uma luz quase divina. A mão de Deus, porém, que conhecemos da Bíblia, age de modo diferente, libertando de estruturas injustas (cf. Ex 3). Um dos nomes de Deus é *“Justiça”*, e somente aquele que se sente comprometido com a justiça escuta a voz de Deus. O Capitalismo, como sistema religioso, é uma idolatria.

• A opção pelos pobres e fracos

O Capitalismo não compreendeu que, sob ponto de vista teológico, o princípio da *“seleção natural”* é abolido no âmbito humano. Ao *“direito”* do mais forte, a Bíblia opõe o direito do fraco. Entendida assim, a opção bíblica pelo pobre é uma voz profética, oposta ao *“Neodarwinismo”* (cf. Lição 19). É preciso fazer valer essa opção também na política econômica. Deus não está do lado do dinheiro e do poder, mas mostra-se como o advogado e defensor dos interesses dos fracos e marginalizados.

• A cultura da vida

Deus é vida! (cf. Dt 30) Os bens de consumo não representam tudo que existe e não satisfazem às necessidades mais profundas do ser humano. Aquele que vê no mundo material e nos bens de consumo o único objetivo assimila, de certo modo, a morte e termina morrendo. Aquele que não faz outra coisa que gastar é gasto ele próprio. Quem somente consome está ligado exclusivamente ao que é caduco, limitado. Neste ponto, aparece claramente como a economia leva à morte aqueles, cujo dever seria o de fornecer o necessário para a vida.

A economia não poderá nunca cumprir sua tarefa, se não desistir da pretensão de ser um valor absoluto. Serve ao homem, unicamente quando reconhece que as necessidades mais profundas do ser humano são as mais importantes, respeitando-as em vez de marginalizá-las ou asfixiá-las.



A crítica do Capitalismo torna-se profética, no sentido próprio do termo, somente quando alternativas se apresentam. O teólogo evangélico U. Duchrow vê uma tal alternativa nas comunidades religiosas que acreditam numa outra imagem do ser humano, a partir de um outro tipo de economia.

• Os conselhos evangélicos

Através de uma longa tradição, as Ordens e Congregações religiosas procuram chamar atenção a um outro modelo de sociedade, recomendando um uso alternativo das energias humanas. Nos três conselhos evangélicos, ela vê orientações, não tanto para a relação com Deus, mas para a formação da convivência humana. Especialmente a pobreza obriga a comunidade de bens e um comportamento solidário conseqüente, para dentro e para fora. Os pobres são elevados a servirem de norma para a vida. Isto vale hoje em dia para a Família franciscana, na seqüela de Irmão Francisco e Irmã Clara.

• Recusa da propriedade privada

No decorrer da história da Igreja, houve várias correntes religiosas que rejeitaram, por princípio, a propriedade particular. Entre eles, figuravam Francisco e Clara. Não entenderam a pobreza apenas como uma existência desprendida de bens materiais, mas queriam viver “*sine próprio*”, sem propriedade (cf. RegNB 1,1). Apropriação, aquisição ou acumulação de bens parecia-lhes o pecado fundamental da



humanidade (cf. Adm 2). Por isso, o hino que São Paulo entoava, referindo-se à encarnação de Deus, recebeu uma importância tão grande para a formação prática do estilo de vida franciscano. Paulo fala da “expropriação” (cf. Fl 2,5), do auto-aniquilamento de Deus, que não quer ser mais do que um ser humano entre humanos. Na sua radical negação de qualquer propriedade, Francisco e Clara queriam seguir o caminho de Jesus de Nazaré. Aqui está o mais íntimo e mais profundo daquilo que o movimento franciscano quer representar e o que se pode esperar dele.

• Alternativa ao dinheiro

Durante séculos, vigorava uma economia que funcionava sem dinheiro. Quando a economia financeira começou a substituir a economia de troca, Francisco recusava o uso do dinheiro para si e seus companheiros. Sua experiência lhe havia ensinado que dinheiro separa as pessoas e acaba sendo hostil à vida. Por isso, viu no dinheiro “o demônio em pessoa”, esterco (cf. 2Cel 65), poeira, lixo fedorento (cf. 2Cel 66), uma astúcia do demônio, lembrando a serpente sedutora no paraíso (cf. 2Cel 68).

No decorrer do tempo, quando a economia monetária foi introduzida em toda parte, os irmãos e irmãs da Família franciscana acabaram acostumando-se de maneira natural ao uso do dinheiro. O julgamento duro que Francisco pronunciou a respeito do dinheiro torna-se compreensível a nós, apenas quando contemplamos hoje a imensa injustiça que uma economia financeira desenfreada está causando. Neste ponto, irmãs e irmãos de Francisco e Clara têm que desenvolver uma nova sensibilidade e apoiar alternativas que se apresentam ao uso do dinheiro.

• Solidariedade franciscana com os pobres

No decorrer de sua história, os franciscanos não tiveram medo de experimentar várias iniciativas econômicas destinadas aos pobres; por exemplo, a fundação de “*monti frumentarii*” (= bancos de trigo), para prevenir tempos de fome. São Bernardo de Feltre (+ 1494) uniu nobres e ricos em corporações, onde assistiram pobres e visitaram doentes. Fundou bancos com





o fim de emprestar dinheiro também às camadas mais pobres do povo. Esses “*monti di pietà*” ficaram muito difundidos na Itália, Espanha, França e Alemanha. Foram acusados por alguns teólogos de aceitarem juros, pecando assim contra a proibição de exigir juros; proibição esta, mantida pela Igreja até o nosso século.

Em 4 de maio de 1515, durante sua 10ª sessão, o V Concílio de Latrão concordou com a posição dos franciscanos. No decreto “*Inter multiples*”, insistiu na proibição absoluta de juros, apoiando-se no texto de São Lucas (6,34ss.). “*De um crédito*

concedido não se há de esperar nada além do capital emprestado. Pois nisso consiste a essência dos juros, quando se procura, sem correr riscos, tirar proveito e ganho de uma coisa que não rende produto, e que não custou nem trabalho nem esforço.” O Concílio relembra os “*monti di pietà*”, chamando-os “*um valor muito grande e sumamente útil para o bem comum*”. Sublinha o princípio da justiça que proíbe a arrecadação de juros, completando-o com o princípio da misericórdia e da verdade, “*para que os pobres recebam ajuda*”. Disso se concluiu, porém, que os “*monti di pietà*” tinham o direito “*de receber uma remuneração modesta pelo seu empenho e como compensação (...), unicamente para poder remunerar seus funcionários e pagar por outras coisas que fazem parte do seu sustento*” (Denzinger 1442ss.)

Portanto, como alternativa ao Capitalismo, vivida profeticamente, nós, membros da Família franciscana, devemos ajudar a desenvolver formas de vida que sejam menos marcados pelo dinheiro e a posse de bens materiais.



Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Ex 3; Lv 19,13; Dt 24,14ss; 30; Lc 6,34ss; Fl 2,5; Tg 5,4
Documentos da Igreja	RN 1; 6; 32; 66; QA 109; GS 85; PP; SRS 16; CA 35; IM; Denzinger 1442ss
Fontes	RegNB 11; 2Cel 65; 66; 68
Documentos interfranciscanos	-
OFM - OFM ^{Cap} - OFM ^{Conv}	-
OSC (Clarissas)	-
OSF (TOR)	-
OFS	-
Suplementos *	-

* **Anotação:** As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.

Observação:

Como o Marxismo se entende como uma crítica ao Capitalismo, as secções: V. EXERCÍCIOS, VI. APLICAÇÕES e VII. BIBLIOGRAFIA, referentes ao Capitalismo, se encontram no fim da 2ª parte desta lição, ou seja, na Lição 21-B.

Frontispício:

São Francisco, pintura de Pieter Geraedts, Holanda

Frontispício interior:

Desenho de Iris Schröder

p.04: de *"Zusammen mit Entwicklungsländern"*, BMZ

p.05: de *Der Spiegel*, 23/97

p.07: de *Weltsicht-Weitsicht* 14, 7/8/95

p.09: colagem de Stefan Wolf, com utilização de uma foto de Cesar Paredes/Zefa-Stockmarket

p.12: Carregador, Madagascar. De: KNA-Bild, Foto: E. Herb

p.14, lado esquerdo: de *"Zusammen mit Entwicklungsländern"*, BMZ

p.14, lado direito: de *Kontraste*, 3/91

p.15: de *DED-Brief*, 4/96

p.17: de *Franziskaner Mission*, 2/94, Foto: present

p.18: de *ITE*, 5/95, Foto: Keystone Press

p.20: de *Nord-Süd Info-Dienst*, 72 de 12/95

p.23: gravura de Frans Masereel

P.24: de *"Zusammen mit Entwicklungsländern"*, BMZ

p.25: de *World Watch* 9/10/92

p.27, lado esquerdo: de *Nord-Süd Info-Dienst*, 3/97

p.27, lado direito: de *KBF-Nachrichten*, 3/97

p.28: tabuleiro de xadrez, de: H. Creutz, *Das Geldsyndrom*

p.29, lado direito: Um índio carregando seus produtos à feira

p.32: Bombay, de *Franziskaner Mission*, 2/92; Foto: present

p.33: Pirâmide, *"É preciso manter a Ordem"*, de: IZ3w, Friburgo

p.34, lado esquerdo: De uma série de gravuras de Max Pechstein. O *"Pai Nosso"*, 1921

p.34, lado direito: *"To pay is to die"* (= pagar significa morrer) Desenho de Wilfredo Rodriguez

p.35, *"As almas dos justos estão na mão de Deus"*. Afresco na igreja do convento de Manassaja, Sérvia, século XV.

p.36, *A liberdade dos filhos de Deus"*. Pintura na igreja de São José, na diocese de São Felix do Araguaia, Brasil. De: *Kontinente*, 2/95

p.37, em cima: Foto de W. Radtke/ADVENIAT

p.37, em baixo: *"Casamento de Francisco com a Dama Pobreza"*. Domenico Veneziano. Alte Pinakothek, Munique

p.38, de *Kontraste*, 3/91, Foto: Dirk Reinartz - visum

p.39, *Trabalho em comum na aldeia*. De: *ITE*, 4/88. Foto: A. Voide, Chad



Para refletir:



Um futuro diferente

“Chegará o dia,
em que um homem e uma mulher
poderão amar-se
sem temer o dia seguinte.

Chegará o dia,
em que as crianças
já não chorarão de fome;
e os jovens não ficarão sem emprego.

Chegará o dia,
em que os velhos viverão
sua idade criativamente.
E serão respeitados
pelos longos anos de vida
dedicados ao trabalho.

Chegará o dia,
em que o país será governado
pelos seus melhores cidadãos.
Isto é, aqueles
que o edificam dia-por-dia
com a força dos seus braços
e de sua inteligência.

Chegará o dia,
em que se poderá expressar
com franqueza
aquilo que se pensa,
sem medo de repressão.

Chegará o dia,
em que também aqueles



que não são considerados
nas análises globais
verão assegurados
suas vidas, seu futuro,
seus direitos.

Chegará o dia,
em que o exercício da justiça
já não será a exceção,
mas o resultado
de uma sociedade organizada
em favor das maiorias,
que hoje ainda sofrem e suportam
uma injusta escravidão.

Finalmente, chegará o dia,
em que artistas e camponeses,
trabalhadores rurais e escritores
já não viverão separados
uns dos outros.
Mas será banida desta terra
a palavra: opressão”

Roberto Zwetsch – Brasil



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo

Próximas lições a serem publicadas

22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja